



DAS 6, DAS 7 E DAS 9: TELENÓVELAS BRASILEIRAS E LESBIANIDADES

Raabe Bastos¹
Gabriela Santos Alves²

RESUMO

O artigo propõe uma análise a respeito das visibilidades e invisibilidades das lesbianidades nas telenovelas brasileiras. É buscado evidenciar como os folhetins, produto integrado ao cotidiano do Brasil, têm influência nas materialidades das lesbianidades. As estruturas narrativas que produzem e reproduzem o imaginário social afetam as construções de horizonte político dos cidadãos a respeito das homossexualidades femininas. Portanto, o artigo versa sobre as telenovelas e o imaginário social brasileiro, as lesbianidades em suas práticas e identidades e o que tem sido endossado na teledramaturgia brasileira a respeito das lesbianidades. A pesquisa tem como amparo teórico-conceitual estudos sobre as telenovelas brasileiras, teoria queer e lesbianidades.

Palavras-chave: telenovelas brasileiras; lesbianidades; identidades femininas.

INTRODUÇÃO

A telenovela, principal produto da teledramaturgia brasileira, é objeto de estudo de diversos trabalhos, tanto pelo processo de produção, como pela recepção e influência na sociedade (Lopes, 2004). A capilaridade da televisão nas casas brasileiras se dá desde que ela chegou ao país em 1950, aumentando ainda mais sua audiência quando, no mesmo ano, inaugurou-se, na TV Tupi, a transmissão de telenovelas, implicando-se, para além da divulgação de notícias, na reprodução de representatividade que criam e/ou perpetuam determinadas matrizes de pensamentos. Os repertórios oferecidos pela radiodifusão se tornam ainda mais palpáveis à população pois ofertaram linguagem de fácil compreensão (Lopes, 2004).

No começo da TV no Brasil, as telenovelas eram transmitidas três dias por semana, apenas em 1963 passou a ser veiculada diariamente, assim, no final dos anos 60, o formato consolidou-se, ocupando espaço na grade de programação da maioria das emissoras

¹ Graduanda e bolsista, pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes), de Iniciação Científica no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: raabebastos19@gmail.com.

² Orientadora do trabalho. Pós-doutora em Comunicação e Cultura (Eco/UFRJ). Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (UFES). E-mail: gabriela.alves@ufes.br.



brasileiras. Porém, foi na década de 70 que os folhetins consagraram-se com o público, visto que as narrativas passaram a dizer sobre o cotidiano do Brasil, anteriormente eram adaptações de sucessos do cinema ou da literatura. Assim, houve seu estabelecimento como um dos maiores produtos culturais do país (Lopes, 2004), influenciando nas práticas e identidades das lesbianidades.

O produto estético e cultural que a telenovela se tornou carece de atenção, sendo capaz de possibilitar ou impossibilitar mobilidades quanto ao horizonte político imaginário nas construções de subjetividades (Kellner, 2001). O que ela propõe veicular é responsável por um recurso comunicativo que faz parte do cotidiano brasileiro, propagando representações que atuam ativamente em todo o corpo social. Nesse contexto, as lesbianidades demandam cuidados a respeito do tratamento que têm recebido, abrangendo suas práticas e identidades. A ação dessas produções implicam nas materialidades das lesbianidades, portanto, a pesquisa busca averiguar, a partir das telenovelas brasileiras, como tem se dado as lesbianidades na teledramaturgia brasileira. O amparo teórico-conceitual se faz principalmente a partir de Lopes (2004), quando sobre as telenovelas brasileiras, Butler (2022), Wittig (2022) e Rich (2010) no que se refere às lesbianidades.

A TELENOVELA NO IMAGINÁRIO SOCIAL BRASILEIRO

As tecnologias do imaginário são dispositivos (Foucault, 2021) de intervenção, formatação, interferência e construção que determinarão a complexidade dos “trajetos antropológicos” de indivíduos ou grupos (Morin, 1999). Assim, as tecnologias do imaginário estabelecem “laço social” (Maffesoli, 2005) e impõe-se como principal mecanismo de produção simbólica da sociedade (Silva, 2003, p. 20). A indústria cultural produz identificação ou estranhamento a partir do que produz e veicula, tais articulações gestam imaginários (Silva, 2003, p. 58). O autor diz que o imaginário constitui a bacia semântica que orienta o trajeto antropológico, sendo as pulsões subjetivas em constante relação com as interpelações socioculturais. Portanto, a vida simbólica só é possível através do imaginário, compondo também a materialidade (Maffesoli, 2005).

O imaginário guarda sentimentos, lembranças e experiências, também impulsionando indivíduos ou grupos a uma busca da realidade, as pessoas agem porque são inseridas em correntes imaginárias (Silva, 2003). Ruiz descreve que o imaginário é como se fosse nossa própria sombra, que não nos deixa, que expõe “uma imagem inapreensível do que somos” (2003, p. 81), pautando quem somos e porque agimos ou deixamos de agir. As telenovelas



apresentam justamente tal sentido, apresentando sentidos e sentimentos transportados por imagens e sons, trata-se da imagem como espetáculo e cimento social (Silva, 2003).

Detentora da maior audiência dentre todas as emissoras do país, a TV Globo, canal aberto, dispõe de grande capilaridade na sociedade a partir de suas telenovelas, de maneira a penetrar as classes sociais em variáveis níveis, influenciando desde o imaginário social e político até o consumo dos brasileiros (Lopes, 2004).

As narrativas veiculadas pelas telenovelas globais estão colocadas na sociedade como representação do cotidiano, produzindo e reproduzindo valores éticos, morais e estéticos a respeito das temáticas que aborda, engendrando locais de possibilidades para os públicos. A televisão “tira seus assuntos, agendas, eventos, equipes e imagens da audiência, de outras fontes e formações discursivas dentro do contingente da estrutura sociocultural e política mais ampla da qual a própria televisão faz parte diferenciada” (Hall, 2003, p. 369).

Paul B. Preciado, em entrevista concedida a Jesús Carrillo (2010), diz acerca da necessidade de entender os meios de comunicação como complexo aparato político e econômico, usufruindo de ampla influência. Por essa ótica, é possível compreender como, no Brasil, parte significativa dos atravessamentos a respeito de gênero e sexualidade são perpassados pelas telenovelas por seu lugar de destaque nas vivências brasileiras, portanto, sendo possível perceber as telenovelas como tecnologias sociais, remetendo como prática significadora e de sentidos, onde a produção discursiva é um dos seus ápices.

O estreitamento da margem de pensamento ativada por ativações de imagens e textos específicos se faz com as referências exteriores à narrativa da telenovela, sejam essas a respeito de práticas ou identidades, interferindo em histórias diversas da sociedade. São representações sociais que formam o entendimento do contexto social.

A telenovela como tecnologia do imaginário auxilia na formação do simbólico permitindo novas maneiras de socialização (Maffesoli 2005), contribuindo para a construção de uma realidade imaginada, onde “o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo [...] é o estado de espírito de um grupo” (Maffesoli, 2001, p. 76).

Entender as telenovelas brasileiras como espaço de sentidos que se convertem em dispositivos de produção da realidade é perceber matrizes de uma série de representações sociais indicadoras das várias maneiras pelas quais o imaginário penetra na sociedade de massa, instituindo a memória individual e coletiva (Lopes, 2004). As telenovelas captam as dimensões ritualizadas da vida cotidiana (Lopes, 2004). O espaço simbólico das telenovelas constroem e reconstroem sentimentos, valores, emoções, fantasias e sexualidades, acionando



no imaginário papéis de normalidade/anormalidade, heterossexualidade/homossexualidade, masculino/feminino, atividade/passividade (Miranda, 2011).

AS LESBIANIDADES EM SUAS PRÁTICAS E IDENTIDADES

A noção de identidade homossexual surgiu no final do século XIX (Quinalha, 2022), estabelecendo o que seria uma indicação de um desvio a norma, sendo esta a união entre mulher e homem circêneros. Porém, enquanto a homossexualidade masculina, entendendo enquanto prática e identidade, era condenada como crime, doença e pecado, o mesmo não era verdade entre mulheres se relacionando: entendia-se que “as mulheres não podem ser homossexuais, não podem dispensar o masculino de suas vidas cotidianas. Logo, não podem existir” (Navarro-Swain, 2000, p. 24).

A homossexualidade, por muito tempo, foi associada a uma inversão do sexo, onde o fato de uma pessoa se sentir atraída por outra do mesmo sexo implicaria um desejo de ser/estar no sexo oposto, então, entendia-se que uma mulher lésbica visava tornar-se homem e um homem gay tornar-se mulher, era o reforço da noção de que todas as pessoas se atraem pelo sexo oposto (Quinalha, 2022). Portanto, significava a cooptação dos corpos dissidentes em lógica heterossexual, ainda que este não fossem, de forma que permaneciam em lógica binária e de atração pelo sexo oposto, estabelecendo, também, a genitália como definidora de identidade de gênero, sexualidade e expressão de gênero.

As lésbicas foram tidas como antinaturais pois não estão à disposição dos homens e se recusam à posição de submissão, assim, foram estabelecidas como não mulheres e, ao mesmo tempo, colocadas em estigma de que desejam ser homens. Para a escritora e feminista Monique Wittig, “Foi uma restrição política, e aquelas que resistiram a essa restrição foram acusadas de não serem mulheres de ‘verdade’. Mas ficamos orgulhosas disso, vendo que na acusação já existia algo como uma sombra de vitória” (2022, p. 12).

A noção de construcionismo trazida pela teoria queer, sendo os gêneros e as sexualidades formados por exteriores constitutivos (Butler, 2022), como a cultura em todas as suas influências e pedagogias, faz com que as lesbianidades não estejam fechadas em si mesmas, encontrando-se para além de uma prisão conceitual no que se refere ao significado de ser e estar lésbica, entendendo o termo como amplo. Teorizar para além do ideal de que uma pessoa lésbica é um corpo feminino que se relaciona com outro igual faz com que seja possível abarcar outras práticas e identidades, assim, pensando fora da lógica binária, monogâmica e mercadológica (Butler, 2022). Wittig teoriza sobre lésbicas não serem



mulheres, pois a mulher existe apenas em lógica em sistemas de pensamento heterossexuais, caracterizando a heterossexualidade como regime político.

Observar as lesbianidades a partir da teoria queer faz com que seja possível perceber entraves em relação ao que tem dado-se culturalmente em relação a essa sexualidade, de forma que explicita-se modelos ideais da mulher e da lésbica. Partimos do pressuposto de que não há ontologia em relação ao gênero e a sexualidade, antes, é agência, onde a cultura se faz como primeira componente em tal performance (Butler, 2022).

Em apreensão de Rich (2010), as lesbianidades são práticas e identidades, a partir da noção de *continuum* lésbico, compreendendo diferentes formas de ser lésbica. O processo social que articula gênero e sexualidade parte de diversos atores fazedores de discursos, deslocando para além de uma prisão conceitual de “mulher” e “lésbica”, entendendo, a partir de Haraway (2004), que sujeitos inteiramente coerentes são fantasias. Rubin (2017) discute como a sexualidade é atravessada por dinâmicas políticas e sociais, a autora propõe a observação sobre a hierarquia de práticas e identidades sexuais. O que materializamos no corpo se faz por repetição estilizada, de forma que são produzidos a partir de materialidades, sendo ele mesmo a incorporação delas (Butler, 2022). Portanto, a observação do que é endossado culturalmente, entendendo que influi em subjetividades, é de importância para pensar gênero e sexualidade. Portanto, não é possível definir as lesbianidades como algo fechado em si mesmo.

"SAPATONAS!"³: AS LÉSBICAS NAS TELENVELAS BRASILEIRAS

A primeira telenovela que abordou o relacionamento entre duas mulheres foi *Entre quatro paredes*, transmitida em 1963 pela TV Tupi. O enredo apresentou Inês, uma mulher lésbica, que tentava seduzir Florence, esposa de seu primo. Já o primeiro beijo, um selinho, aconteceu, no mesmo ano e emissora, em *Calúnia*, entre Karen e Martha. Porém, é necessário pontuar que mesmo sendo nos anos 60 o primeiro beijo entre mulheres nas telenovelas brasileiras, apenas em 2011 aconteceu novamente. A ação realizou-se na trama de *Amor e Revolução*, transmitida e realizada pelo SBT, de forma que foram 48 anos e 20 telenovelas entre dois beijos lésbicos, são quase 50 anos de omissão de vivências e impedimento de expansão do imaginário político da população, visto que as telenovelas são postas na sociedade como reflexo do que tem se dado no cotidiano (Lopes, 2004).

³ Frase dita por Nazaré Tedesco na telenovela *Senhora do destino* (2004).



60 anos após *Entre quatro paredes*, período que abarca de 1963 a 2023, foram transmitidas 45 telenovelas que de alguma forma mostraram relacionamentos entre mulheres, esses mais ou menos visíveis, com mulheres lésbicas ou bissexuais, sendo três na década de 1960, três na década de 1970, cinco na década de 1980, três na década de 1990, seis na década de 2000, dezenove na década de 2010 e seis na década de 2020. Duas foram exibidas pela TV Tupi, uma pela Record, uma pelo SBT e quarenta e uma pela TV Globo.

Se compararmos os anos 60 com a última década finalizada, sendo a de 2010, observamos um crescimento expressivo no que se refere ao aparecimento de personagens mulheres que se relacionam entre si, de maneira que vê-se certo avanço em relação a visibilidade de tais existências antes invisibilizadas, entretanto, não é toda aparição e leitura de certa vivência que se faz de forma positiva (Butler, 2022). São frágeis as conquistas lésbicas, a título de exemplo: *Senhora do destino*, 2004, contava com o casal Jennifer e Eleonora, quando a novela retornou ao ar, em *Vale a Pena Ver de Novo*, 2017, a história das duas foi completamente cortada.

Preciado diz que devemos olhar os “meios de comunicação como tecnologias de produção do visível que ocupam hoje uma posição disciplinante que supera amplamente aquela outorgada por Foucault à medicina, à instituição penitenciária ou a fábrica do século XIX” (2010, p. 65), portanto, exercendo poderes sobre as lesbianidades e seus desdobramentos nos corpos.

A partir das narrativas veiculadas pelas telenovelas citadas, é possível a comprovação de que a maioria do que é propagado no que se refere às lesbianidades diz sobre uma apropriação dos corpos dissidentes pela cishetenormatividade, conceito que diz sobre a produção de ideais regulatórios, socialmente difundidos, a respeito das identidades de gênero e padrões de sexualidade baseados em normativas coloniais (Butler, 2022).

O arco de personagens lésbicas finalizarem-se com fatalidades é uma constante em produções nacionais e internacionais, tornando-se um problema para as lesbianidades, visto que é necessária a observação de como tem se dado a visibilidades dessas vivências. Vê-se que tais enredos permitem que corpos lésbicos sejam vistos, porém, impondo finais que mantêm o que há muito é estabelecido para mulheres que se relacionam intimamente e exclusivamente com mulheres: o trágico (Hulan, 2017). Os enredos reservados às lésbicas exercem controle nas vidas lésbicas e no que o público em geral percebe a respeito delas.

Os relacionamentos entre mulheres que sobrevivem a histórica matança das lésbicas são, predominantemente, destinados ao casamento monogâmico – exatamente como são os



casamentos hétero, com instuição religiosa, autoridade religiosa e vestidos brancos – e a criação de filhos. Assim, localizamos o conceito de normalidade (Foucault, 2014), que diz sobre a decorrência da instauração do poder disciplinar.

Observar as configurações dos relacionamentos entre mulheres nas telenovelas brasileiras trata-se de olhar de forma crítica aos seus pressupostos, a forma como se qualificam em termos de um discurso político significativo. Os processos de normalização dos corpos e subjetividades homossexuais acaba por excluir práticas e identidades afetivo-sexuais de pessoas do mesmo sexo (Butler, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estando as telenovelas brasileiras em local privilegiado do imaginário social e político brasileiro (Lopes, 2004), está no cotidiano como vitrine da vida, sendo propositoras de ideologias e comportamentos, endossando valores éticos, morais e estéticos. As tramas categorizam pessoas, práticas e identidades através das formas de tratamento, inclusão e exclusão, deixando explícito os corpos que são permitidos ou vetados, mediando relações sociais através da criação e manutenção de verossimilhança com o comum. São feitura que dizem sobre linguagem e imagem, compondo modos de ser e estar. Assim, quando tratam das lesbianidades, apresentam maneiras tidas como certas e erradas de ser e estar lésbica no mundo, demonstrando o funcionamento da roda dos prazeres (Rubin, 2017).

Compreender as lesbianidades como posições políticas no mundo faz entender que elas desestabilizam a ordenação da heterossexualidade, realizando deslocamentos no rompimento das relações de poder e realizações de desejos e dominação masculinos, destituindo a lógica patriarcal, portanto, necessitando de maior atenção em relação ao tratamento que tem recebido nas telenovelas brasileiras.

REFERÊNCIAS

AMOR e revolução. Thiago Santiago. SBT, 2011.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero.** São Paulo: Editora Unesp, 2022.

CALÚNIA. TV Tupi, 1963. ENTRE quatro paredes. TV Tupi, 1963.

CARRILLO, Jesús; PRECIADO, Paul B. Entrevista com Beatriz Preciado. **Revista poiésis**, v. 11, n. 15, p. 47-71, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 2014.



HALL, Stuart. Encoding and decoding in the television discourse. In: CCCS selected working papers. **Routledge**, 2007. p. 402-414.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista. **Cad. Pagu**, 2004, n.22.

HULAN, Haley. **Bury your gays**: History, usage, and context. *McNair Scholars Journal*, v. 21, n. 1, p. 6, 2017.

KELLNER, Denis. **Lendo imagens criticamente**: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In SILVA, T.T. (org) *Alienígenas em sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1995, p. 104-131.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo; URIBE, Bertha A. **Telenovela**: internacionalização e interculturalidade. Edições Loyola, 2004.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: **Revista Famecos**. N.15, p. 74-82, agosto, 2001.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2017.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays**: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 2010.

SENHORA do destino. Aguinaldo Silva. TV Globo, 2004.

SILVA, Machado da. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Autêntica, 2022.